

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CARIRI CEARENSE

Luiz Carlos Carvalho Siqueira ¹
Eliacy dos Santos Saboya Nobre ²
Silene Cerdeira Silvino da Silva ³

DOCÊNCIA: LUGAR DE ECOS

A docência em Educação de Jovens e Adultos (EJA) está em pauta na contemporaneidade. As especificidades dos saberes e fazeres desta modalidade de ensino tensionam, sobretudo, o campo da formação inicial de professores. A presente seção tece considerações introdutórias acerca do Estágio Supervisionado enquanto componente curricular de cursos de formação inicial de professores, objeto de nossa investigação. O Estágio Supervisionado é tomado aqui como contexto de reflexão, *lócus* da pesquisa.

Ele também é um lugar que produz ecos e, portanto, um processo no qual se inscreve o entrelaçamento do objeto de pesquisa e o pesquisador. Convém ressaltar, entretanto, que não pretendemos problematizar a estrutura e forma de organização desse componente curricular. As reflexões emergem do que ele – o estágio supervisionado – oportuniza, evidencia, desloca e provoca. Questões que se instauram, tangenciam ou transbordam do fazer docente.

E neste ensejo, o presente artigo analisa as experiências de estudantes do Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Regional do Cariri (URCA). Busca-se identificar os limites e as possibilidades da prática docente em EJA no contexto do Cariri Cearense sob a ótica dos estudantes-estagiários, mediante análise de seus relatórios. O estudo é fruto de uma pesquisa documental de caráter exploratório, de abordagem qualitativa-estruturada, na qual analisou-se os trabalhos finais do componente curricular supracitado, produzidos no período de 2017 a 2019. Para a fundamentação desta análise, tomou-se como base as premissas teóricas de Pimenta e Lima (2018); Zabalza (2015) e Costa; Álvares; Barreto (2006).

¹ Estudante do Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA). Professor Substituto da Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: 86luiz@gmail.com.;

² Doutora em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/ UFC). Professora da Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: professoraeliacy@yahoo.com.br;

³ Mestre em Educação pela UECE - Universidade Estadual do Ceará, Professora do Departamento de Educação da URCA, coordenadora do PIBID Pedagogia/URCA (2018/2019), silenesilvino@gmail.com;;

Buscamos refletir os Estágios em face de uma das suas expressões mais sensíveis e desafiadoras: a que se constitui em contextos de Educação de Jovens e Adultos. A preocupação ou enfoque de estudos sobre estudantes de uma modalidade da Educação Básica tão específica como é a EJA emergiu, primeiramente, da experiência discente e, posteriormente, articulada à docência no Ensino Superior. Na condição de estudante⁴, inquietou-nos a centralidade dos aspectos históricos e normativos da EJA presentes na proposta de ensino e no material de apoio didático, invisibilizando, deste modo, o reconhecimento sobre os estudantes da EJA e suas demandas contemporâneas. Neste sentido, Miguel Arroyo (2005) acrescenta que a história da EJA é muito mais complexa que a história de outros níveis e modalidades da Educação Básica, afinal, “nela se cruzaram e cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos, excluídos”. (ARROYO, 2005, p. 221)

As especificidades dos saberes e fazeres desta modalidade de ensino tensionam, sobretudo, o campo da formação inicial de professores. O Estágio muitas vezes desestabiliza e ressignifica ideias acerca da educação e dos diversos sujeitos que a compõem. Esse desenraizamento muitas vezes distancia a percepção tanto dos professores formadores quanto dos estudantes, profissionais em formação, da educação escolar e a coloca em uma local abstrato e desconectado da realidade.

É neste ensejo que o presente artigo analisa as experiências de estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Regional do Cariri (URCA) no Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Busca-se, com isso, identificar os desafios da prática docente em EJA no contexto do Cariri Cearense sob a ótica dos estudantes-estagiários.

Para tanto foi desenvolvida por meio de estudo documental de caráter exploratório e qualitativo, mediante uma análise dos relatórios de Estágio Supervisionado de um curso de Licenciatura Plena, estritamente, aqueles que realizaram o Estágio no campo da EJA. Essas informações foram tratadas a partir da Análise Textual Discursiva (ATD). (MORAES, 1999, 2003). Dos 18 (dezoito) relatórios de estágios produzidos pelos discentes e analisados nesta investigação, cinco emergem de experiências em escolas que ofertavam a modalidade EJA, sendo três deles em escolas públicas municipais e duas nos Centros de Educação de Jovens e Adultos. Sobre os pontos positivos, os estudantes-estagiários destacaram: (1) a preparação

⁴ Ao cursar o componente curricular “Abordagens Didáticas em Educação de Jovens e Adultos”, no curso de graduação em Pedagogia.

prévia na Universidade, ressaltando os pressupostos teóricos abordados na disciplina; (2) o conhecimento sobre as especificidades da EJA e a identidade dos sujeitos. No que concerne às dificuldades, também foram identificados dois pontos: (1) o desafio de adaptar as atividades para não infantilizar o processo na EJA e (2) a diferença de idades/ faixa etária dos discentes da EJA, o que requer uma maior atenção por parte do professor no momento do planejamento.

O Estágio na EJA sublinha o papel fulcral da Universidade no processo formativo dos (futuros) docentes, fomentando um diálogo radical a respeito do contributo que a ação docente pode oferecer à classe trabalhadora dessa modalidade de ensino no processo de construção de uma sociedade genuinamente fraterna e igualitária

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Miguel Zabalza (2015, p. 80-92) afirma que os estágios curriculares supervisionados nos cursos de Ensino Superior surgem como “[...] elo na formação de professores com a Educação Básica e, não raro, despertam questionamentos de ordens diversas: prática, teórica, teórico-prático, bem com contexto profissional.” Os Estágios oferecem, portanto, os desdobramentos do processo de formação, seus sentidos e significados. Estes questionamentos tomam tanto os estudantes quanto os professores orientadores, supervisores ou professores regentes. Para ele, o estágio pode propiciar, “[...] oportunidades não só de aprender coisas úteis para o futuro desempenho profissional dos estudantes, mas que possibilita melhorar como pessoa, preocupar-se com o contexto, conhecer-se melhor, poder experimentar essa preocupação por si mesmo.” (ZABALZA, 2015, p. 83)

Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2018) corroboram esta afirmativa e acrescentam que estágio é: “[...] reflexão sobre a teoria e a prática”; “[...] espaço de aprendizagem da profissão” (PIMENTA; LIMA, 2018, p. 55); “[...] atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade” (PIMENTA; LIMA, 2018, p. 46); estudo, análise, problematização, teorização, proposição de soluções às situações de ensino-aprendizagem; oportunidade de contato real com as diversas situação cotidianas da escola pública; e, também, momento de percepção de que é possível colocar em prática muitos dos conhecimentos acumulados no decorrer do processo formativo acadêmico (PIMENTA; LIMA, 2018).

O Estágio seria, nessa perspectiva, um momento de produção de conhecimentos sobre as práticas sociais realizadas em contextos educacionais historicamente localizados. Acrescentam acerca disso, afirmando que o estágio: “Envolve experimentar situações de

ensinar, aprender e elaborar, executar e avaliar projetos de ensino não apenas nas salas de aulas, mas também nos diferentes espaços da escola.”(PIMENTA; LIMA, 2018, p. 55).

Sobre este aspecto, as autoras assinalam que o estágio possibilita aos professores orientadores a possibilidade de desenvolver pesquisas:

[...] mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas, nos sistemas de ensino e nas demais situações ou estimularem, a partir dessa vivência, a elaboração de projetos de pesquisa a ser desenvolvidos concomitantemente ou após o período de estágio. (PIMENTA; LIMA, 2018, p. 51)

O estágio estruturado sob forma de pesquisa promove, segundo Pimenta e Lima (2018, p. 46), uma aproximação entre a universidade e as unidades escolares da Educação Básica, bem como produz novos olhares, explicações e práticas sobre a realidade educacional e o exercício docente. Esta perspectiva teórica sobre o estágio corrobora a formação docente, na medida em que desvela concepções e sentidos sobre o papel do planejamento na prática escolar e do(a) professor(a) da Educação Básica, discutidos nas seções que seguem o presente texto.

CAMINHOS DA PESQUISA: OS MÉTODOS E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISES

Doravante, apresentaremos os procedimentos técnicos utilizados na pesquisa para responder o problema de pesquisa. Tendo em vista que a investigação busca analisar as experiências de estudantes no Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Regional do Cariri (URCA), delimitou-se como natureza da investigação a pesquisa básica, que para Prodanov e Freitas (2013) objetivam “[...] gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

Ela, a pesquisa, se insere em um conjunto de estudo de abordagem qualitativa e é classificada como pesquisa exploratória realizada através de pesquisa documental, visto que o problema de investigação se estabelece na identificação de desafios da prática docente em EJA no contexto do Cariri Cearense sob a ótica dos estudantes-estagiários. Estes relatórios são entendidos como textos acadêmicos que revelam a experiência da pesquisa e a construção do professor-pesquisador.

Neste sentido, Taschetto (2002), Trindade e Oliveira (2006) apontam que a experiência em pesquisa é revelada e marcada nos textos acadêmicos de acordo com a trajetória do(a) pesquisador(a). As autoras assinalam que a ideia de que as normas que privilegiam a objetividade, precisão, isenção e neutralidade, constituídas por meio da voz passiva, sujeito indeterminado, modalizadores de autoridades entre outros aspectos, abrem espaço para o aparecimento da subjetividade do sujeito no texto acadêmico. Aspectos relevantes para pensar um estudo no qual privilegiam relatórios de atividades na formação de professores-pesquisadores.

O estágio supervisionado, objeto da nossa investigação, é realizado no último semestre de um curso de formação inicial em Licenciatura Plena. Esse estágio possui 108 horas/aulas e é dividido em dois momentos, que são:

- a) 40 horas de estudos, planejamentos e avaliação sob a orientação do professor supervisor na universidade e
- b) 68 horas/aulas de estágio na escola-campo, articulando práticas de pesquisa e regências.

Os estágios supervisionados e os relatórios foram realizados por equipes formadas por duplas, trios e grupos com até 08 discentes, perfazendo um total de cinquenta e três (53) estudantes-estagiários. Os relatórios foram produzidos entre os anos de 2017 e 2019. Os relatórios apontam a composição das equipes/duplas acordadas de forma coletiva durante as aulas realizadas na universidade, tendo em vista a situação de trabalho e emprego vivenciada pelas(os) estudantes. No total foram analisados dezoito (18) relatórios de Estágio Supervisionado (cf. **Quadro 02**).

Os estágios foram realizados em dezessete escolas públicas do Estado do Ceará. Dez (10) deles desenvolvidos em escolas em Crato-CE, três escolas em Juazeiro do Norte-CE, duas escolas em Farias Brito e duas em Barbalha. Dentre as escolas de realização dos estágios, apenas dois deles foram realizados na mesma instituição de Ensino Básico, cujas justificativas/escolhas se deram por estarem ou terem atuado como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid. Todos os outros grupos, equipes e duplas realizaram o estágio em diferentes escolas, evidenciando uma extensa área de aproximação e interlocução da universidade com o contexto da Educação Básica regional.

Quadro 01 – Visão panorâmica da organização, locais e relatórios de estágios supervisionados.

ORGANIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	MUNICÍPIO	ENTIDADE MANTENEDORA	NÚMERO DE RELATÓRIOS ANALISADOS	TOTAL
Grupos (03 a 08 estudantes-estagiários)	Crato	Escolas municipais	04	07
		Escolas estaduais	02	
	Juazeiro do Norte	Escolas municipais	01	
Duplas de estudantes-estagiários	Crato	Escolas municipais	02	11
		Escolas estaduais	03	
	Juazeiro do Norte	Escolas municipais	02	
	Barbalha	Escolas municipais	02	
	Farias Brito	Escolas municipais	02	
TOTAL DE RELATÓRIOS ANALISADOS				18

Fonte: Autoria própria, 2019.

A visão geral da quantidade de relatórios presente no **Quadro 02** exige um detalhamento minucioso para localizar o leitor nas reflexões apresentadas na próxima seção. Ressaltamos, deste modo, que não buscamos aqui avaliar a relação que as escolas acolhedoras das(dos) estudantes-estagiárias(os) mantêm com as políticas educacionais ou que práticas o corpo docente dessas escolas evidencia nessa relação.

Nos debruçamos, entretanto, no processo de identificar os desafios da prática docente em EJA no contexto do Cariri Cearense sob a ótica dos estudantes-estagiários, mediante a coletânea de registros nos relatórios finais. Nos perguntamos quando e como eles, as(os) estudantes, em situação de estágio supervisionado se nutrem dos conhecimentos sobre o planejamento e colocam isso como uma atitude docente. E mais: que limites e possibilidades conseguiram identificar no decorrer do Estágio em EJA.

Os relatórios possuem caráter técnico-analítico-reflexivo e estão estruturados em três seções que são:

- 1 Introdução;
- 2 Diagnóstico da escola - produzidos a partir do Instrumental - Roteiro de Observação;
- 3 Identificação do(a) estudante-estagiário(a) contendo:
 - 3.1 Observações da sua sala de aula,
 - 3.2 Planejamento,
 - 3.3 Relatos das regências,
 - 3.4 Brasão (cf. WARSCHAUER, 2017);
 - 3.5 Plano de estágio/ficha de frequência.

No quadro a seguir apresentaremos uma visão panorâmica dos relatórios analisados e suas principais características, tais como, código de identificação dos relatórios, ano em que foi realizado o estágio, composição da relatoria do estágio e o local de realização.

Quadro 02 – Descritores de identificação dos Relatórios de Estágios Supervisionados.

Número de identificação do relatório	Ano em que o relatório foi produzido	Composição dos grupos e das equipes	Município que realizou o estágio	Entidades mantedoras	Localidade das escolas
Relatório nº 01	2017	Dupla de estudantes	Barbalha	Escola municipal - Ensino Regular	Urbana
Relatório nº 02	2019	Dupla de estudantes	Barbalha	Escola municipal - Ensino Regular e EJA	Urbana
Relatório nº 03	2017	Dupla de estudantes	Farias Brito	Escola municipal - Ensino Regular	Urbana
Relatório nº 04	2018	Dupla de estudantes	Farias Brito	Escola municipal - Ensino Regular	Urbana
Relatório nº 05	2017	Dupla de estudantes	Juazeiro do Norte	Escola municipal - Ensino Regular e EJA	Urbana
Relatório nº 06	2017	Dupla de estudantes	Juazeiro do Norte	Escola municipal - Ensino Regular	Periférica
Relatório nº 07	2017	Dupla de estudantes	Crato	Escola municipal - Ensino Regular	Urbana
Relatório nº 08	2017	Dupla de estudantes	Crato	Escola municipal - Ensino Regular	Urbana
Relatório nº 09	2017	Dupla de estudantes	Crato	Escola Estadual - Edu. Jovens e Adultos	Periférica
Relatório nº 10	2018	Dupla de estudantes	Crato	Escola municipal - Ensino Regular	Rural
Relatório nº 11	2018	Dupla de estudantes	Crato	Escola Estadual - Edu. Jovens e Adultos	Urbana
Relatório nº 12	2018	08 Estudantes	Juazeiro do Norte	Escola municipal - Ensino Regular	Urbana
Relatório nº 13	2018	03 Estudantes	Crato	Escola municipal - Ensino Regular	Urbana
Relatório nº 14	2017	04 Estudantes	Crato	Escolas Estadual - Edu. Jovens e Adultos	Urbana
Relatório nº 15	2018	04 estudantes	Crato	Escola municipal - Ensino Regular	Urbana
Relatório nº 16	2017	04 Estudantes	Crato	Escola Estadual - Edu. Jovens e Adultos	Urbana
Relatório nº 17	2017	03 Estudantes	Crato	Escola municipal - Ensino Regular	Periférica
Relatório nº 18	2018	05 Estudantes	Crato	Escola municipal - Ensino Regular	Periférica

Fonte: Autoria própria, 2019.

Conforme aponta o quadro acima dos trabalhos finais do componente curricular supracitado, produzidos no período de 2017 a 2019, 06 (seis) foram realizados em escolas que

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

ofertavam a modalidade Educação de Jovens e Adultos, todavia, destes apenas cinco realizaram o estágio nesta modalidade. O Relatório n.º 05, assim, foi desconsiderado, pois, embora a escola ofertasse a modalidade em questão, o exercício do estágio deu-se nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, dos 18 (dezoito) relatórios de estágios produzidos pelos discentes e analisados nesta investigação, cinco emergem de experiências em escolas que ofertavam a modalidade EJA (três em escolas públicas municipais e duas nos Centros de Educação de Jovens e Adultos).

As formas de identificação dos relatórios descritos no quadro acima viabilizaram o processo de categorização através da Análise Textual Discursiva (ATD), procedimento comum no tratamento de informações em pesquisas qualitativas em Educação (MORAES, 1999, 2003), descritos nos tópicos abaixo em dois grupos “Convergências” e “Dissonâncias”.

Essa técnica auxiliará na identificação das percepções e concepções sobre os planejamentos e práticas entre os estudantes-estagiários, bem como, organizar os resultados da pesquisa descritos nas subseções a seguir: na primeira, logo abaixo apresentam as percepções dos estudantes-estagiários sobre essa modalidade; em seguida, os limites e possibilidades encontrados no decorrer do espaço-tempo do Estágio Supervisionado na EJA.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CARIRI CEARENSE

A Carta Magna Federal de 1988, a chamada “Constituição Cidadã”, proclama, no Artigo 208, o direito à Educação, incluindo os sujeitos da EJA, denominando-os como aqueles que não estudaram na “idade própria⁵.” Não obstante, embora seja um direito constitucional, respaldado, outrossim, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96) vigente, ainda deparamos estatísticas que exibem dados alarmantes quanto ao baixo índice de escolarização e precária condição de leitura e escrita de grande parte da nossa população: 13,2 milhões⁶ de brasileiros de 15 anos ou mais de idade não sabem ler e escrever, e 27,8 milhões⁷ são considerados analfabetos funcionais, ou seja, possuem menos de quatro anos de escolaridade e

⁵ A expressão “idade própria” ou, ainda, “idade certa”, toma como parâmetro a faixa etária referente à escolaridade obrigatória no Brasil que, hoje, corresponde dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, de acordo com o Art.208 da Constituição de 1988 e mediante a Emenda Constitucional nº 59, de 2009. Expressão/ ideia que não consideramos adequada, visto que, a rigor, não existe idade própria para aprender.

⁶ O que equivale a 8,7% dos brasileiros nessa faixa etária.

⁷ A taxa de analfabetismo funcional foi estimada em 18,3%, em 2012. Estes dados foram coletados na publicação do IBGE (2013): Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Síntese de indicadores 2012. Ressalte-se que, em 2012, “a população residente estimada no Brasil foi de 196,9 milhões de pessoas.” Já “o contingente de pessoas de 15 anos ou mais de idade (população em idade ativa – PIA) foi estimado em 151,9 milhões.” (IBGE/2013).

denotam grandes dificuldades na interpretação de textos, bem como na produção da escrita. Deste modo, “não priorizar a Educação de Jovens e Adultos é penalizar duplamente os analfabetos.” (GADOTTI, 2014, p. 15).

Assim, ao escolhermos a EJA como um campo de Estágio e Pesquisa, estamos fortalecendo esta modalidade e ratificando a sua importância na sociedade vigente. Todavia, cabe - nos perguntar: como os(as) estudantes-estagiários conceituaram o estágio nessa modalidade? Que dificuldades/ limites encontraram? Quais foram as possibilidades de desenvolver um trabalho alinhado aos pressupostos da EJA? Sobre o Estágio na EJA, nos disseram se tratar de um momento relevante e transformador, sendo – segundo os relatórios dos estagiários – uma oportunidade de aprendizagem, senão vejamos:

O estágio foi desafiador, oportunizou momentos e experiências marcantes. A cada momento podemos exercer na prática o que tínhamos visto na teoria. Podemos ser realmente professoras e aprendemos muito exercitando ações pedagógicas com os jovens e adultos. Não é algo fácil que se constrói somente no estágio, mas algo que será permanente construído em cada experiência. (RELATÓRIO 02, p. 01)

Salientamos que o campo de estágio na EJA, não foi para nós algo inovador, tendo em vista que atuamos como bolsistas nesta modalidade de ensino. Entretanto, parar e observar a instituição e as aulas foram momentos formadores, para conhecermos de fato o ambiente escolar e o acontecer da educação. Percebendo que ela ocorre nas relações sociais [...] Conclui-se que a disciplina Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental é de total relevância para a formação docente do graduando, pois proporcionou a oportunidade de aprendizagem por intermédio de vivenciar o exercício em sala, dentre os desafios surgidos durante as observações, tornando assim momentos ricos. (RELATÓRIO 09, p. 01 -03)

O estágio realizado na EJA, foi de grande proveito, tendo em vista que apesar de ter sido realizado nas séries iniciais, o processo é um pouco diferente, pois estamos lidando com jovens e adultos que já trazem sua bagagem cultural e pensamentos formados em relação a diversos aspectos, é preciso ter bastante flexibilidade para responder a indagações que porventura venham surgir, diferentemente do estágio com crianças, que ainda não possuem um senso crítico comum, capaz de levantarem questionamentos profundos. (RELATÓRIO 14, p. 3)

O último relato trata das especificidades da EJA, alertando para a bagagem cultural dos estudantes, aponta também para a necessária flexibilidade para o exercício da docência nesse campo e a diferença entre EJA e o estágio com crianças do Ensino Fundamental. Sobre este primeiro ponto, lembramo-nos do que nos dizem Costa, Álvares e Barreto sobre o alunado da EJA. Consoante essas autoras, no que concerne ao acervo cultural e à valorização dos saberes que os estudantes já trazem para a escola, é preciso destacar:

O reconhecimento da existência de uma sabedoria no sujeito, proveniente de sua experiência de vida, de sua bagagem cultural, de suas habilidades profissionais, certamente, contribui para que ele resgate uma autoimagem positiva, ampliando sua autoestima e fortalecendo sua autoconfiança. (COSTA; ÁLVARES; BARRETO, 2006, p.19)

Entre os destaques positivos, os estagiários destacaram: (1) a preparação prévia em sala de aula, na Universidade, ressaltando os pressupostos teóricos abordados na disciplina; (2) o conhecimento sobre as especificidades da EJA e a identidade dos sujeitos, tratando de temas como: escolha e adaptação dos conteúdos e metodologias, saberes dos alunos e a formação de sujeitos críticos. Vejamos os relatos:

Inicialmente destacamos que a teoria estudada em sala nos preparou constantemente para prática e conhecimento desta realidade. (RELATÓRIO 09, p. 1)

Os conteúdos trabalhados em sala devem conduzir com a realidade do aluno e que é necessário respeitar e compreender o saber de cada sujeito. Salientando que a EJA é uma modalidade de ensino que detém suas especificidades, sendo necessário o educador conhecer e intervir nesta realidade [...]. Por se tratar de alunos jovens e adultos que comparecem após um dia de trabalho, notamos o empenho e determinação deles – dos estudantes - em estudar. (RELATÓRIO 09, p. 02)

Em relação à metodologia aplicada, ficamos bastante satisfeitas, pois apesar da dificuldade existente na EJA, o envolvimento da professora e alunos foi de grande proveito. Acreditamos que contribuímos para formação de futuros cidadãos críticos e reflexivos. (RELATÓRIO 14, p. 2)

No que concerne às dificuldades, percebemos que os estudantes- estagiários destacaram dois pontos: (1) o desafio de adaptar as atividades, para não infantilizar o processo na EJA e (2) a diferença de idades/ faixa etária dos discentes da EJA, o que requer uma maior atenção por parte do professor(a) no momento do planejamento:

Uma das maiores dificuldades encontradas no estágio da EJA foi a questão de trabalhar atividades das quais estamos acostumadas a desenvolvê-las para crianças, e que, no entanto, tivemos que adaptá-las para adultos, mantendo-nos mais atentas para não infantilizar essas atividades, bem como, a questão da faixa etária mesclada, onde o entendimento de uma pessoa jovem é diferente de uma mais velha, pois conhecimento e aprendizado vão depender das experiências que eles já viveram. Cabe indagar se falta recursos para isso? Ou é apenas uma questão de organização? (RELATÓRIO 14, p. 3)

Sobre este primeiro ponto, é preciso que o professor tenha uma atenção redobrada para não infantilizar o processo de ensino – aprendizagem de pessoas jovens, adultas e idosas, visto

que, embora o processo de aquisição da leitura e da escrita denote muitas similitudes, seja na EJA ou no Ensino Fundamental, são públicos completamente distintos, que precisam ser respeitados em suas especificidades.

A modo desfecho deste artigo, e após esta breve análise dos cinco relatórios finais de Estágio na Educação de Jovens e Adultos (EJA), podemos acentuar que o Estágio aparece no discurso desses relatórios como um desafio, uma experiência marcante, que trouxe uma grande aprendizagem para os estudantes do curso de Pedagogia. O Estágio na EJA sublinha o papel fulcral da Universidade no processo formativo dos (futuros) docentes, fomentando um diálogo radical a respeito do contributo que a ação docente pode oferecer à classe trabalhadora dessa modalidade de ensino no processo de construção de uma sociedade genuinamente fraterna e igualitária.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: UNESCO. *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. - Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

BRASIL. Congresso Nacional. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

_____. *LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. 2. ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

COSTA, Elisabete; ÁLVARES, Sônia Carbonell; BARRETO, Vera. *Alunas e Alunos da EJA*. Trabalho com a educação de jovens e adultos. Brasília, 2006.

GADOTTI, Moacir. *Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos*. 1. ed. — São Paulo : Moderna : Fundação Santillana, 2014.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD: síntese de indicadores 2012*. Rio de Janeiro: 2013.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Educação*, Porto Alegre, v. 22, n.37, p. 7-32, mar. 1999.

_____. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciênc. educ.* (Bauru) [online]. 2003, vol.9, n.2, pp.191-211. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>. Acesso em: 05 set. 2018.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria Socorro L. *Estágio e docência*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* [recurso eletrônico]. 2. ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TASCHETTO, Tania Regina. *A presença do sujeito no discurso acadêmico: uma análise em projetos de pesquisa*. 2002. 170 f. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

TRINDADE, Charlene Oliveira; OLIVIERA, Fabiane Sarmiento. *O Lugar da Subjetividade em Textos Acadêmicos: uma análise em revistas eletrônicas*. Ideias, Santa Maria, p. 62 - 66, 03 mar. 2006. Disponível em:
<http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20em%20PDF%20revista%2023/o%20lugar%20da%20subjetividade%20em%20textos.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2019.

WARSCHAUER, Cecília. *Entre na roda: A formação humana nas escolas e nas organizações*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

ZABALZA, Miguel A. *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária* [formato digital] – 1. ed. São Paulo: Cortez, 2015. – (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos / coordenação Selma Garrido Pimenta)